

SALMAN RUSHDIE

Quichotte

Tradução
Jorio Dauster



Dez: No qual eles atravessam o segundo vale, Sancho também conhece o amor e depois, no terceiro vale, eles vão além do próprio conhecimento

Onze: O dr. Smile encontra-se com o sr. Thayer; e um avô surge do passado para assombrar o presente

Doze: Uma sequência de eventos absurdos durante breve permanência em Nova Jersey

Treze: Quichotte na grande cidade; muitas revelações; e Sancho sofre um grave contratempo

Catorze: O autor conhecido como Sam DuChamp encontra-se com um estranho não convidado

Quinze: Com respeito a Irmã e à coisa imperdoável

PARTE TRÊS

Dezesseis: O Trampolim conta a Sancho e Quichotte uma velha história de traição, e o caminho se abre

Dezessete: Em que a irmã termina a história da família e sua própria partida

Dezoito: Quichotte alcança seu objetivo, depois do que a vergonha e o escândalo engolfam a Amada

Dezenove: No qual a pergunta de Sancho é respondida

Vinte: A respeito do coração do Autor

Vinte e um: Em que o mundo explode e o Viajante se torna eterno

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

A Eliza

Uma nota quixotesca sobre a pronúncia

Quichotte, em francês e alemão, assim como *Chisciotte*, em italiano, são grafias alternativas ao espanhol *Quijote*, mas com pronúncias semelhantes à do português *Quixote*, enquanto a consoante no meio do ilustre nome soa em espanhol como “rr”. O próprio Cervantes talvez tivesse usado o som de “ch” no espanhol de seu tempo. Para os fins do presente texto, a pronúncia recomendada é aquela bem elegante do francês e do português, por razões que ficarão claras no curso da narrativa. Mas, gentil leitor, faça o que lhe parecer melhor. Cada um tem o direito de se referir como bem entender ao universal Dom.

PARTE UM

Um: Quichotte, um homem idoso, se apaixona, embarca numa aventura e se torna pai

Era uma vez um homem de origem indiana que gostava de viajar e morou numa série de endereços temporários nos Estados Unidos da América. Já avançado em anos e sem estar em plena posse de sua capacidade mental, ele tinha uma paixão insana pela televisão, razão pela qual passara boa parte da vida sob a luz amarelada de quartos de motéis ordinários diante de uma tela, sofrendo, por causa disso, de uma forma peculiar de dano cerebral. Devorava os programas matinais, os programas da tarde, os talk shows de final da noite, novelas, sitcoms, cinebiografias, dramas de hospital, seriados policiais, séries de vampiros e zumbis, as tragédias de donas de casa de Atlanta, Nova Jersey, Beverly Hills e Nova York, os romances e brigas de herdeiras milionárias de cadeias de hotéis e pretensos emires, as peripécias sexuais de indivíduos que tinham ficado famosos por se apresentarem alegremente desnudos, os quinze minutos de fama concedidos às jovens com imenso número de seguidores nas redes sociais em decorrência de operações plásticas nas quais implantaram um terceiro seio ou retiraram uma costela, imitando a impossivelmente formosa Barbie da Mattel, ou, mais simplesmente, graças à habilidade de capturar gigantescas carpas em locais pitorescos usando minúsculos biquínis; assim como

competições de voz, competições de chefs, competições de ideias inovadoras, competições de iniciantes no mundo dos negócios, competições entre veículos monstruosos guiados por controle remoto, competições de moda, competições para ganhar o coração de solteiros e solteiras, partidas de beisebol, partidas de basquete, partidas de futebol americano, lutas marciais, lutas de boxe tailandês, programas de esportes radicais e, obviamente, concursos de beleza. (Ele não gostava de “hóquei”. Para gente da sua etnia, que crescera nos trópicos, hóquei era um esporte praticado sobre a grama. Jogar hóquei sobre o gelo era, em sua opinião, o equivalente absurdo a patinar na grama.)

Como consequência dessa imersão quase absoluta no material que lhe era oferecido, no passado, pelos tubos de raios catódicos e, na nova era das telas planas, por cristal líquido, plasma e diodos orgânicos emissores de luz, ele se tornara vítima de um transtorno psicológico, cada vez mais prevalente, no qual a fronteira entre a verdade e a mentira se tornava borrada e indistinta, de tal maneira que às vezes era incapaz de distinguir uma da outra, a realidade da “realidade”, e começava a se crer um cidadão natural (e habitante em potencial) daquele mundo imaginário do outro lado da tela à qual tinha tamanha devoção, e que, como acreditava, lhe proporcionava, e portanto a todo mundo, as diretrizes morais, sociais e práticas segundo as quais todos os homens e mulheres deviam viver. À medida que o tempo passava e ele se afundava mais e mais na areia movediça do que se poderia chamar de real irreal, sentiu que se tornava emocionalmente envolvido com muitos dos habitantes daquele outro mundo mais brilhante, ao qual teria pleno direito de pertencer como uma Dorothy Ventania moderna que cogitasse passar o resto de seus dias na terra de Oz; e, em algum momento desconhecido, desenvolveu uma paixão deletéria, já que

inteiramente unilateral, por certa personalidade de televisão, a bela, espirituosa e adorada senhorita Salma R, um fascínio que descreveu, de forma bastante inexata, como amor. Em nome desse suposto amor, resolveu perseguir com todo o empenho sua “amada” para além da tela de televisão, penetrando na realidade sublime de alta definição em que ela e gente do seu tipo residiam a fim de, graças a feitos heroicos e gestos delicados, ganhar seu coração.

Ele falava devagar e se movia devagar, puxando um pouco pela perna direita — consequência duradoura de um dramático Evento Interior ocorrido anos antes, que havia igualmente afetado sua memória, de modo que, embora os acontecimentos do passado remoto permanecessem vívidos, as recordações da fase mediana de sua vida haviam se tornado pouco confiáveis, repletas de grandes hiatos e outros lapsos que tinham sido preenchidos, como se por um pedreiro apressado, com falsas lembranças criadas pelas coisas que talvez houvesse visto na TV. Fora isso, parecia em boa forma para alguém de sua idade. Era um homem alto, talvez se pudesse dizer alongado, do tipo que encontramos nas pinturas esqueléticas de El Greco e nas esculturas delgadas de Alberto Giacometti; e, embora tais homens (em sua maioria) tenham temperamento melancólico, ele havia sido abençoado com um riso alegre e com os modos encantadores de um cavalheiro da velha guarda, ambos atributos valiosos para um caixeiro-viajante, ocupação que, naqueles anos de ouro, fora a sua por muito tempo. Além disso, seu próprio nome era alegre: Smile. *Sr. Ismail Smile, Gerente de vendas, Laboratórios Farmacêuticos Smile S.A., Atlanta, Geórgia* — lia-se em seu cartão de visita. Como vendedor, ele sempre se orgulhara do fato de que seu nome era idêntico ao da empresa da qual era representante. O nome de família. Emprestava-lhe uma certa seriedade, ou assim acreditava.

No entanto, não foi esse o nome com que se fez conhecer durante sua última e mais tola aventura.

(Aliás, o sobrenome pouco comum *Smile* era a versão americanizada de *Ismail*, de forma que o idoso caixeiro-viajante era de fato o sr. Ismail Ismail ou, alternativamente, sr. Smile Smile. Era um homem de pele marrom nos Estados Unidos em busca de uma mulher de pele marrom, mas não via sua história em termos raciais. Ele se tornara, pode-se dizer, distanciado da cor de sua pele. Essa seria uma das muitas coisas que sua empreitada aventureira poria em dúvida e modificaria.)

Quanto mais pensava na mulher que afirmava amar, mais claro ficava para ele que uma figura tão magnífica não iria simplesmente se prostrar diante dele babando de alegria ao ouvir a primeira declaração de *amour fou* vinda de um desconhecido. (Ele não era louco a tal ponto.) Por isso, ele precisaria provar-se digno dela, e o oferecimento de tais provas seria, de agora em diante, sua única preocupação. Sim! Ele demonstraria de forma cabal seu valor! Ao iniciar a missão, seria necessário manter o objeto de seus afetos informado de todas as ações a serem empreendidas, motivo pelo qual se propôs enviar-lhe uma sequência de cartas que revelariam sua sinceridade, quão profundos eram seus sentimentos e até onde estaria pronto a ir para conquistá-la. Foi nesse ponto de suas reflexões que uma espécie de acanhamento o invadiu. Caso revelasse quão humilde era sua condição social, ela poderia jogar a carta no lixo com uma bela risada e nunca mais querer saber dele. Se confessasse sua idade ou fornecesse detalhes de sua aparência, ela poderia rechaçar a informação com um misto de hilaridade e horror. E se lhe indicasse seu nome, o nome reconhecidamente nobre de Smile, um nome que significava muito dinheiro, ela poderia, num acesso de mau humor, alertar as autoridades — e ser caçado como um

cachorro a pedido de seu grande amor lhe partiria o coração, ele sem dúvida morreria. Desse modo, por enquanto manteria em segredo sua verdadeira identidade, revelando-a somente quando suas cartas, e os feitos ali seriam descritos, houvessem minado as resistências dela com relação a ele e a tornado receptiva a seus galanteios. Como saberia quando tal hora havia chegado? Essa era uma questão a ser respondida mais tarde. Agora, o importante era começar. Até que, certo dia, o nome correto que devia usar, a melhor identidade a assumir, ocorreu-lhe naquele justo instante que separa o sono do despertar, quando o mundo imaginado por trás de nossas pálpebras pode infundir de mágica o mundo que vemos ao abrir os olhos.

Naquela manhã, ele pareceu ver-se em sonho falando para si próprio acordado. “Olhe para você”, murmurou seu eu semiadormecido para o eu quase acordado. “Tão alto, tão magro, tão velho, e incapaz de fazer crescer uma barba que não seja desgrenhada, como se fosse um adolescente com pelinhos esparsos. E, sim, admita, talvez com uma telha a menos, um desses sujeitos com a cabeça nas nuvens que confundem formações de cúmulos, cúmulos-nimbos ou mesmo cirro-estratos com a terra firme. Pense na sua canção preferida quando era menino! Eu sei, atualmente você prefere os gorjeios que ouve no *American Idol* ou no *The Voice*. Mas, antigamente, você gostava do que seu pai, com suas inclinações artísticas, gostava. Tinha adotado seu gosto musical. Lembra-se do disco predileto dele?” Nesse mesmo instante o Smile semiadormecido apresentou com um floreio um LP de vinil, o qual o Smile semidesperto reconheceu de imediato. Era uma gravação da ópera *Don Quichotte*, de Jules Massenet. “Baseado vagamente na grande obra-prima de Cervantes, não é mesmo?”, observou o espectro. “E quanto a você, parece que também é um tanto vagamente baseado.”

Estava decidido. Ele pulou da cama em seu pijama listrado — mais rápido do que pretendia — e de fato bateu palmas. Sim! Este seria o pseudônimo que usaria em suas cartas de amor. Ele seria o engenhoso cavaleiro, Quichotte. Seria o Lancelote de sua rainha Genebra, e a carregaria para a Guarda Alegre. Seria — para citar Chaucer nos *Contos de Cantuária* — seu *mui leal e gentil cavaleiro*.

Recordou-se de que vivia na Era do Tudo Pode Acontecer. Tinha ouvido muita gente dizer isso na televisão, e também nos vídeos bizarros presentes no ciberespaço, que haviam garantido a seu vício uma nova profundidade tecnológica. Já não havia regras. E na Era do Tudo Pode Acontecer, bem, qualquer coisa podia acontecer. Velhos amigos podiam se transformar em novos inimigos, e inimigos tradicionais, nos mais íntimos companheiros, ou mesmo amantes. Já não se tinha como prever as condições meteorológicas, a probabilidade de uma guerra ou o resultado das eleições. Era possível que uma mulher caísse de amores por um leitãozinho ou que um homem começasse a viver com uma coruja. Uma beleza podia dormir e, ao ser beijada, despertar falando outra língua e, nesse novo idioma, revelar uma personalidade completamente diversa. Uma inundação poderia cobrir sua cidade. Um tornado poderia levar sua casa para terras distantes onde, ao aterrissar, esmagaria uma bruxa. Nada impedia que criminosos se tornassem reis, e reis fossem desmascarados como criminosos. Um homem poderia descobrir que a mulher com quem coabitava era a filha ilegítima de seu próprio pai. Toda uma nação era capaz de se atirar de um precipício como lemingues cometendo suicídio em massa. Era possível que homens que faziam o papel de presidente na televisão se tornassem presidentes de verdade, que a água acabasse, que uma mulher desse à luz um bebê o qual logo se descobriria ser um deus reencarnado. As palavras poderiam perder seus significados e ganhar novas

acepções. O mundo poderia terminar, como ao menos um eminente cientista-empresário havia começado a prever de forma reiterada. Um mau cheiro pairaria no ar após o fim. E uma estrela de televisão poderia milagrosamente corresponder ao amor de um velho bobalhão, concedendo-lhe um improvável triunfo romântico capaz de redimir uma vida longa e medíocre, fazendo, enfim, brilhar sobre ela uma luz majestosa. A grande decisão de Quichotte foi tomada no motel Red Roof, na cidade de Gallup, Novo México (população: 21 678 habitantes). O caixeiro-viajante contemplou com desejo e inveja o histórico Hotel El Rancho de Gallup, que nos anos dourados dos filmes de faroeste havia hospedado muitos dos artistas que filmavam naquela região, tais como John Wayne, Humphrey Bogart, Katharine Hepburn e Mae West. Como o El Rancho estava além de suas possibilidades financeiras, ele seguiu de carro até o mais humilde Red Roof, que lhe parecia bem razoável. Tratava-se de um homem que aprendera a aceitar sem queixas seu destino na vida. Naquela manhã, quando acordou com sua nova e radiosa identidade, o aparelho de TV estava ligado — caíra no sono sem se lembrar de desligá-lo — e o responsável pelo noticiário meteorológico da KOB-4, Steve Stucker, estava no ar com seu *Parade Pets*, estrelado pelos célebres cachorros que previam o tempo, Radar, Rez, Squeaky e Tuffy. Isso significava que era sexta-feira, e o recém-intitulado sr. Quichotte (ele não sentia que fizera por merecer o honorífico *Dom*), estimulado por sua recente decisão e porque se abria diante dele o caminho florido que conduz ao amor, estava muito animado, conquanto se encontrasse no fim de uma semana cansativa durante a qual havia visitado os consultórios médicos em Albuquerque e adjacências. Tinha passado o dia anterior nas instalações da Rehoboth McKinley Christian Health Care Services, do Western New Mexico Medical Group e do Gallup Indian Medical Center

(que cuidava da substancial população indígena da cidade, cujos indivíduos pertenciam às tribos hopi, navajo e zuni). As vendas haviam sido boas, pensou, embora testas franzidas e risadinhas nervosas houvessem se seguido a suas indicações joviais de que em breve passaria alguns dias de férias em Nova York (população: 8 623 000 habitantes) na companhia de uma nova namorada, uma Figura Muito Famosa, a rainha da Must See TV. E sua piadinha no Indian Medical Center — “Eu também tenho sangue *indiano*. Mas com pinta na testa, não penas. Por isso fico muito feliz de estar num lugar cheio de *índios!*” — não tinha caído nem um pouco bem.

Ele já não tinha endereço fixo. A estrada era a sua casa, o carro, sua sala de visitas, o porta-malas, seu armário e uma sequência de motéis e pensões lhe forneciam a cama e o aparelho de TV. Ele preferia lugares com pelo menos alguns canais a cabo premium, mas, se nenhum estivesse disponível, ficava feliz com a programação comum. Entretanto, naquela manhã ele não tinha tempo para o homem do tempo e seus solícitos pets. Queria falar com amigos sobre o amor e a aventura amorosa na qual estava prestes a embarcar.

A verdade era que quase não tinha mais amigos. Havia seu primo rico, empregador e protetor, o dr. R.K. Smile, e a esposa dele, Happy, mas ele nunca convivera com o casal. E havia os funcionários da recepção dos motéis onde costumava se hospedar. Alguns poucos indivíduos espalhados pelo país e pelo planeta ainda poderiam abrigar um sentimento similar à amizade a seu respeito, em especial uma mulher em Nova York (ela se autointitulava o Trampolim Humano) que talvez voltasse a sorrir ao vê-lo caso desse sorte e suas desculpas fossem aceitas. (Ele sabia, ou julgava saber, que era ele quem devia pedir desculpas, mas mal conseguia se lembrar do motivo, às vezes pensando que sua memória conturbada estivesse vendo as coisas ao avesso, sendo ela quem deveria lhe pedir

desculpas.) Porém, ele não era parte de nenhum grupo, nenhuma camarilha, nenhum bando que fosse fazer justiça com as próprias mãos, não tinha um só camarada de verdade, pois abandonara fazia tempos as atividades sociais. Em sua página no Facebook, por iniciativa própria ou de outros, era “amigo” de um número pequeno e cada vez mais restrito de colegas de profissão, bem como de um punhado de mulheres solitárias, cheias de si, exibicionistas e libidinosas que se comportavam de forma tão erótica quanto o permitiam as regras um tanto puritanas da rede social. Quando postou entusiasmadamente seu plano, todos aqueles “amigos”, entre aspas, consideraram tratar-se de uma ideia temerária que beirava a loucura, tentando, para o bem dele, dissuadi-lo de perseguir ou assediar a senhorita Salma R. Em resposta à sua postagem, recebeu emojis de testa franzida e bitmojis sacudindo o dedo para ele em sinal de reprovação, além de GIFs com a imagem da própria Salma R cobrindo os olhos com as mãos, pondo a língua para fora e rodando o indicador junto à têmpora direita, tudo aquilo compondo o conjunto universalmente reconhecido de gestos que significam “doido de pedra”. Entretanto, nada era capaz de detê-lo.

Histórias assim raras vezes acabam bem.

Em sua juventude — longínqua o bastante para que as recordações dela se mantivessem nítidas —, tinha sido um andarilho mais autêntico do que o caixeiro-viajante que viria a se tornar, tendo se aventurado por toda parte simplesmente para ver o que existia para ser visto, desde o cabo Horn e a Terra do Fogo, extremidades do planeta onde todas as cores haviam sido expurgadas e as coisas e pessoas só eram vistas em preto e branco, até os confins orientais do Irã, da aldeia de Bam infestada de baratas até a violenta cidade

fronteira de Zahedan nos idos em que o Xá reinava, desde a baía dos Tubarões na Austrália, onde nadou em meio a um grupo de golfinhos sentimentais, até a grande migração de gnus na incompreensível planície do Serengeti. Participou de um *holi* com descendentes dos trabalhadores indianos levados como semiescravos para as ilhas Maurício e que falavam a língua bhojpuri e comemorou o *Bakr Eid* com tecedores de xales no povoado de Aru, nas altas montanhas da Caxemira perto da geleira Kolahoi. No entanto, em certo momento de sua meia-idade, o Evento Interior mudou tudo. Quando voltou a si após o Evento, havia perdido toda a ambição e curiosidade pessoais, começou a achar as grandes cidades opressoras, só ansiava pelo anonimato e pela solidão.

Além disso, passara a ter pavor de voar. Lembrando-se de que num sonho caía e se afogava, estava convencido de que o transporte aéreo era a mais ridícula de todas as fantasias e falsidades que os controladores do mundo tentam incutir em homens e mulheres inocentes como ele. Se os aviões voavam e seus passageiros chegavam sãos e salvos ao destino, era apenas questão de sorte. Isso não provava nada. Ele não queria morrer despencando do céu e caindo na água (seu sonho) ou sobre a terra firme (coisa ainda menos confortável), razão pela qual tinha decidido que, se os deuses da boa saúde lhe garantissem algum tipo de recuperação, jamais voltaria a embarcar numa daquelas caixas de metal monstruosamente pesadas que prometiam elevá-lo a dez mil metros ou mais acima do solo. E de fato ele se recuperou, embora seguisse puxando pela perna. Depois disso, só viajava de carro. Às vezes pensava em fazer uma viagem marítima, talvez descendo pelo continente americano até a costa do Brasil ou da Argentina, ou atravessando o Atlântico rumo à Europa, porém nunca tomara as providências cabíveis e, naquele momento, a saúde pouco confiável e a frágil conta bancária provavelmente não

suportariam tal viagem. Tornara-se, por isso, uma criatura das estradas, e assim permaneceria.

Numa velha mochila, cuidadosamente embrulhados em papel de seda e plástico-bolha, ele carregava uma seleção de objetos de tamanho modesto que havia coletado em suas viagens: uma pedra chinesa polida do tipo *objet trouvé* cujos desenhos lembravam colinas cobertas de bosques sob o nevoeiro; uma cabeça parecida com a de Buda esculpida em Gandara; uma mão erguida de madeira vinda do Camboja com um símbolo da paz no centro da palma; dois cristais em formato de estrela, um grande e um pequeno; um broche vitoriano dentro do qual havia posto fotografias de seus pais e três outras mostrando uma infância em alguma distante cidade tropical; um cortador de charutos inglês da era eduardiana em latão, feito para parecer um dragão de dentes afiados; uma caixa de fósforos indiana da marca “Cheeta” cujo rótulo trazia a imagem de um guepardo caçando; uma ave de mármore em miniatura da espécie das poupas, e um leque chinês. Essas treze coisas eram sagradas para ele. Quando chegava ao motel onde ia passar a noite, gastava talvez uns vinte minutos arrumando-as cuidadosamente no quarto. Elas precisavam ser posicionadas de modo especial, mantendo uma relação correta entre si, de tal modo que, quando ficava feliz com o arranjo, ele imediatamente se sentia em casa. Sabia que sem esses objetos numinosos, dispostos nos lugares adequados, sua vida careceria de equilíbrio e ele se renderia ao pânico, à inércia e, por fim, à morte. Aqueles objetos eram a própria vida. Enquanto estivessem com ele, a estrada não representava nenhum terror. Era seu lugar especial.

Sua sorte é que o Evento Interior não o havia deixado um idiota completo, como um sujeito trôpego e avariado que vira certa vez, incapaz de qualquer atividade além de catar folhas num parque. Ele havia trabalhado como caixeiro-viajante na área de produtos

farmacêuticos por muitos anos e continuava a fazê-lo, a despeito de já ter idade para se aposentar e de sua condição mental — incipientemente instável, imprevisivelmente volúvel e teimosamente obsessiva. Isto se devia à bondade do primo rico já mencionado, R.K. Smile, médico e empresário de sucesso que, depois de ter assistido a uma montagem televisiva de *Morte de um caixeiro-viajante*, de Arthur Miller, se recusava a demitir seu parente, temendo que isso precipitasse a morte do velho senhor. *

O sempre próspero negócio farmacêutico do dr. Smile o havia recentemente catapultado ao status de bilionário, graças ao aperfeiçoamento, em seus laboratórios na Geórgia, de um spray sublingual contendo o analgésico fentanil. Aplicar o potente opioide debaixo da língua trazia um alívio mais rápido para pacientes que sofriam de câncer terminal e enfrentavam o que a comunidade médica chamava eufemisticamente de dor irruptiva. Uma dor irruptiva era uma dor insuportável. O novo spray a tornava suportável, ao menos por uma hora. O sucesso imediato daquele spray, patenteado e vendido com o nome de InSmile[®], permitiu ao dr. R.K. Smile o luxo de manter empregado o velho parente pobre sem se preocupar em demasia com sua produtividade. Estranhamente, como se observou, o declínio de Quichotte rumo à loucura — que tem como uma de suas definições a incapacidade de separar o que *é* do que *não é* — durante certo tempo não lhe afetou a competência profissional. Na verdade, seu estado mental provou ser uma vantagem, ajudando-o a apresentar, com absoluta sinceridade, os benefícios duvidosos de muitos dos produtos da companhia, pois ele acreditava piamente em sua anunciada eficácia e superioridade sobre todos os rivais, muito embora as campanhas de publicidade fossem sem dúvida tendenciosas, já que, muitas vezes, tais produtos não eram superiores aos vendidos por diversos laboratórios e, em

alguns casos, eram decididamente inferiores aos outros disponíveis no mercado. Graças a sua visão nebulosa da fronteira entre a verdade e a mentira, assim como seu charme pessoal e modos agradáveis, ele inspirava confiança e promovia com perfeição os artigos produzidos pelo primo.

No entanto, como era inevitável, chegou o dia em que, tomando plena consciência da extensão das fantasias do primo, o dr. Smile enfim o pôs no olho da rua. Deu a notícia da forma mais delicada possível, pessoalmente, voando da General Aviation no aeroporto Hartsfield-Jackson em seu novo G650ER para se encontrar com Quichotte em Flagstaff, Arizona (população: 70 320 habitantes), depois de ter recebido um telefonema preocupado do diretor da West Flagstaff Family Medicine, D.F. Winona, a quem o caixeiro-viajante havia confidenciado, de maneira inesperada, durante um encontro de trabalho, que pensava acompanhar a adorável senhorita Salma R na próxima festa do Oscar da *Vanity Fair*, quando o romance clandestino dos dois finalmente se tornaria de conhecimento público. Quichotte e o dr. Smile se encontraram no Relax Inn, situado na histórica Rota 66, a pouco mais de seis quilômetros do aeroporto Pulliam. Formavam uma dupla curiosa: Quichotte era alto, lento, puxava pela perna; o dr. Smile era baixo, vibrava de dinamismo, claramente o chefe. “O que é que você estava pensando?”, ele perguntou, com tristeza mas também com um toque decisivo na voz, como quem diz *dessa vez não tenho como salvá-lo*, e Quichotte, confrontado com sua declaração absurda, respondeu: “É verdade, eu me precipitei, e peço desculpas por ter me deixado levar pelo entusiasmo, mas você sabe como são os apaixonados, não podemos deixar de falar sobre o amor”. Com o controle remoto, ele alternava entre uma partida de basquete na ESPN e uma série sobre

crimes reais na Oxygen, e seu comportamento pareceu ao dr. Smile afável mas fora dos eixos.

“Você compreende”, disse o dr. Smile com toda a gentileza, “que vou ter que dispensá-lo.”

“Ah, sem problema”, respondeu Quichotte. “Porque, na verdade, preciso iniciar imediatamente minha missão.”

O dr. Smile disse devagar: “Bom, fique sabendo que estou pronto a oferecer uma indenização — não uma fortuna, mas uma soma nada insignificante —, e trouxe aqui comigo o cheque para lhe dar. Você verá também que as pensões por aposentadoria nos Laboratórios Farmacêuticos Smile são bem generosas. Tenho a esperança, e mesmo a certeza, de que você vai ficar bem. Além disso, se por acaso estiver em Buckhead, ou nos meses de verão nas Golden Isles, as portas das minhas casas sempre estarão abertas. Venha comer um *biryani* comigo e minha mulher”. A sra. Happy Smile era uma morena gorduchinha com os cabelos repuxados para cima. Ao que se dizia, uma verdadeira artista na cozinha, o que tornava a oferta tentadora.

“Obrigado”, disse Quichotte, embolsando o cheque. “Permita-me perguntar se seria adequado levar minha Salma quando eu for visitá-los. Depois que estivermos juntos, sabe como é, seremos inseparáveis. E tenho certeza de que ela ficará feliz em comer o excelente *biryani* preparado por sua esposa.”

“Claro”, disse o dr. Smile para tranquilizá-lo, enquanto se levantava para ir embora. “Pode trazê-la, com certeza! Há uma outra coisa”, ele disse. “Agora que você está aposentado, e não é mais empregado meu, pode ser que eu lhe peça de tempos em tempos para executar algum servicinho particular de cunho pessoal. Como membro próximo e confiável da família, sei que posso contar com você.”

“Será um prazer fazer qualquer coisa que me pedir”, disse Quichotte, curvando a cabeça. “Você tem sido o melhor dos primos.”

“Não será nada trabalhoso, posso lhe assegurar”, disse o dr. Smile. “Só algumas entregas discretas. Com todas as despesas pagas, é evidente. Em dinheiro vivo.” Ele parou na porta do quarto. Quichotte assistia ao jogo de basquete com atenção.

“O que vai fazer agora?”, o dr. Smile perguntou.

“Não se preocupe comigo”, respondeu Quichotte, abrindo aquele sorriso feliz. “Tenho muita coisa a fazer. Vou sair por aí dirigindo meu carro.”

No curso desses muitos anos itinerantes, quando percorria as estradas em seu velho Chevy Cruze de um cinza metálico como aquele das pistolas, Quichotte com frequência desejou ter se casado e ser pai. Como seria bom ter um filho sentado a seu lado, capaz de tomar o volante durante algumas horas enquanto o pai dormia, um filho com quem pudesse discutir tanto temas de importância tópica no cotidiano quanto as verdades eternas, enquanto a estrada, deslizando sob as rodas do carro, os aproximaria mais e mais, a viagem os unindo de um modo que a imobilidade da casa jamais poderia fazer. Os vínculos profundos são uma dádiva que só a estrada concede àqueles que a honram e percorrem com respeito. As paradas ao longo do trajeto seriam marcos na viagem da alma dos dois rumo a uma mística união final à qual se seguiria a eterna beatitude.

Mas ele não era casado. Nenhuma mulher quisera ficar ao lado dele, então não tinha filho. Esta era a versão resumida. Na versão mais longa, que ele enterrara tão fundo que hoje em dia era difícil localizá-la, tinha havido mulheres por quem ele abrigara fortes sentimentos, que havia adorado quase tanto quanto hoje venerava a

senhorita Salma R — e aquelas eram mulheres que ele conhecera pessoalmente. Sabia ser um homem capaz de entregar-se à adoração, uma área na qual a maioria de seus pares, como animais ignorantes e incivilizados que eram, demonstrava grave carência. Daí ter sido tão doloroso para ele que quase todas as mulheres que cortejou houvessem feito o possível para escapar dele o mais rápido possível tão logo ele se aproximara.

E ele tinha brigado com a Trampolim Humano. Seja o que for que um deles havia feito ao outro, não tinham se separado amigavelmente. Mas talvez ele pudesse fazer as pazes com ela caso fosse capaz de se lembrar de seus pecados. É o que tentaria fazer.

No entanto, aquelas associações “românticas”... Teriam tais damas ido embora de vez? Seriam mesmo verdadeiras? Agora que se dedicava à conquista da senhorita Salma R, ele tinha a impressão de que se erguia uma pontinha do véu que encobria o passado, fazendo-o relembrar as consequências dos amores perdidos. Ele as via passar diante de seu olho interior, a horticultrista, a executiva de publicidade, a perita em relações públicas, a aventureira das antípodas, a mentirosa americana, a rosa inglesa, a cruel beldade asiática. Não, era impossível até mesmo voltar a pensar nelas. Tinham ido embora definitivamente, e ele fizera bem em se livrar delas, assim não mais poderiam partir seu coração. O que aconteceu, aconteceu — ou ele estava quase certo de que tinha acontecido —, não havendo dúvida de que tinha razão ao enterrá-las mais fundo que a mais profunda recordação, depositar suas histórias nas piras funerárias de suas esperanças, aprisioná-las para sempre na pirâmide de seus desgostos: esquecer, esquecer, esquecer. Sim, ele as esquecera, ele as pusera dentro do caixão recoberto pelo chumbo do esquecimento, bem abaixo do fundo do oceano de suas recordações, num sarcófago sem identificação e impenetrável até mesmo à visão

de raio X do Super-Homem. Junto com elas, havia enterrado o homem que tinha sido então, as coisas que havia feito, os fracassos, os fracassos, os fracassos. Renegara todos os anseios amorosos pelo que parecia uma eternidade, até a senhorita Salma R vir ressuscitar em seu peito os sentimentos e desejos que ele pensava haver reprimido ou mesmo destruído junto com seus relacionamentos arruinados — se é que tais mulheres tinham sido, de fato, reais, oriundas do mundo real, e não ecos da realidade maior representada por elas na tela —, o que o fazia reconhecer que uma grande paixão estava nascendo dentro dele pela última vez. Assim deixava de ser um zé-ninguém para se tornar, por fim, o grande homem que estava fadado a ser — ou, em outras palavras, Quichotte.

Como não tinha filhos, sua linhagem iria desaparecer com ele, a menos que pedisse e lhe fosse concedido um milagre. Talvez pudesse achar um poço dos desejos. Agarrou-se à ideia de que, se agisse de acordo com os princípios ocultos do Desejo, os milagres seriam possíveis. Tão tênue era seu vínculo com a sanidade mental que se tornou um estudante das artes do desejo; além dos poços dos desejos, buscava árvores dos desejos, pedras dos desejos e, com crescente seriedade, estrelas dos desejos. Após completar suas investigações, tanto em poeirentos livros especializados em mistérios astrológicos como em um bom número de páginas da internet reconhecidamente duvidosas (várias das quais, ao serem abertas, acionavam uma caixa de diálogo agourenta com os dizeres: “Cuidado, esta página pode danificar seu computador”), ele se convenceu de que as chuvas de meteoros eram a melhor coisa para a qual fundamentar um pedido, e 11h11 da noite, a melhor hora, e que seria preciso uma quantidade substancial daqueles ossos da sorte encontrados nas galinhas.

Ocorrem sete chuvas de meteoros a cada ano, em janeiro, abril, maio, agosto, outubro, novembro e dezembro: as quadrântidas, as

líridas, as eta aquáridas, as perseidas, as oriônidas, as leônidas e as gemínidas. Ao longo dos anos, ele as havia caçado uma a uma, a fim de testemunhar alguma estrela cadente tendo um bom relógio no pulso e um estoque generoso de ossos de galinha no bolso. Sabia ser determinado quando queria. No passado, já havia caçado as quadrântidas perto de Muncie, Indiana (população: 68 625 habitantes), as líridas no Monument Valley, e as eta aquáridas no Rincon Mountain District do deserto de Sonora, no Arizona. Até então, tais expedições jamais haviam dado resultado. Não importa!, ele se dizia. Algum dia, em breve, Salma R lhe daria três, não!, cinco ou, por que não?, sete magníficos filhos e filhas. Estava certo disso. Mas, com a impaciência dos cabelos grisalhos, decidiu continuar sua caça às chuvas de meteoros, para a qual dispunha de mais tempo agora que o primo o havia liberado de suas funções. Os astros celestes devem ter ficado impressionados com sua persistência, porque, naquele agosto, numa noite quente no deserto mais além de Santa Fé, as perseidas atenderam a seu desejo em Devils Tower, perto de Moorcroft, Wyoming (população: 1063 habitantes). Precisamente às 11h11 da noite, ele quebrou sete ossos da sorte enquanto bolas de fogo choviam dos céus vindas da direção da constelação de Perseu — Perseu, o filho guerreiro de Zeus e Dânae, o que decapitou a Górgona! —, e o milagre aconteceu. O tão ansiado filho, que parecia ter uns quinze anos, se materializou no banco do carona do Cruze.

A Era do Tudo Pode Acontecer! Como estava alegre, Quichotte exclamou para si mesmo, como estava grato por viver numa época como aquela!

A criança mágica manifestou-se em preto e branco, com suas cores menos saturadas que o normal, como era moda em muitos filmes modernos. Talvez, Quichotte supôs, o garoto fosse astrologicamente relacionado com os habitantes monocromáticos da Terra do Fogo.

Ou, quem sabe, tinha sido abduzido tempos atrás e agora fora devolvido pelos tripulantes extraterrestres da nave-mãe escondida no céu por trás dos meteoros que iluminavam Devils Tower. Naqueles muitos anos durante os quais havia sido estudado, ele fora expurgado das cores em virtude dos experimentos e, de algum modo, acabara impedido de envelhecer. Sem dúvida, à medida que Quichotte veio a conhecê-lo melhor, o menino deu a impressão de ser bem mais velho do que sua idade aparentava. Parecia-se bastante com o garoto nas fotografias que Quichotte guardara de sua infância do outro lado do mundo. Numa delas, ele era visto, aos nove ou dez anos, vestindo uma túnica branca e usando os óculos escuros do pai. Noutra, um Quichotte mais velho, talvez com a mesma idade da aparição, exibia um tênue bigode e estava de pé num jardim ao lado de sua promíscua cadela alsaciana. Quando jovem, ele tinha sido algo baixo e gordinho se comparado a outros garotos de sua idade. Depois, no final da adolescência, como se uma mão divina invisível o houvesse agarrado e espremido no meio qual um tubo de pasta de dentes, ele havia crescido rapidamente até alcançar sua altura atual, tornando-se tão fino quanto uma sombra. Esse menino monocromático se encontrava evidentemente numa fase posterior à da espremeção do tubo, sendo tão alto e magro quanto o pai, e usava os óculos escuros que Quichotte tinha usado havia tanto tempo. Entretanto, não vestia uma túnica *kurta* e sim, como um típico garoto norte-americano, uma camisa quadriculada de lenhador e calça jeans com a bainha dobrada. Depois de alguns instantes, ele começou a cantar um velho jingle. Sua voz vacilava. Um pomo de adão recém-surgido subia e descia na garganta.

*Amamos beisebol, cachorro-quente, torta de maçã e Chevrolet,
beisebol, cachorro-quente, torta de maçã e Chevrolet...*

Um largo sorriso iluminou o rosto comprido de Quichotte. Era como se seu filho milagroso, nascido do sonho do pai da mesma forma que Atena pipocara da cabeça de Zeus, estivesse entoando uma canção de chegada, uma canção de amor ao pai. O viajante alegremente se pôs a cantar em dueto com o menino.

*Beisebol, cachorro-quente, torta de maçã e Chevrolet,
beisebol, cachorro-quente, torta de maçã e Chevrolet!*

“Sancho”, Quichotte exclamou esfuziante, com uma alegria que não sabia como expressar. “Meu Sancho bobinho, meu Sancho alto e forte, meu filho, meu camarada, meu escudeiro! Hutch para meu Starsky, Spock para meu Kirk, Scully para meu Mulder, BJ para meu Hawkeye, Robin para meu Batman! Peele para meu Key, Stimpny para meu Ren, Niles para meu Frazier, Arya para meu Hound! Peggy para meu Don, Jesse para meu Walter, Tubbs para meu Crockett, eu te amo! Ah, meu guerreiro Sancho, enviado por Perseu para me ajudar a liquidar minhas Medusas e conquistar o coração da adorada Salma, aqui está você por fim.”

“Pare com isso, ‘papai’”, retrucou o jovem imaginário. “O que é que eu levo nessa?”

Depois da noite do milagre das perseidas, Quichotte passou vários dias perdido numa nuvem de euforia devido à chegada do misterioso jovem em preto e branco batizado por ele de Sancho. Mandou uma mensagem de texto para R.K. Smile, contando as boas-novas. O dr. Smile não respondeu.

Sancho tinha a pele mais escura que o pai, coisa visível até mesmo em preto e branco, e no final das contas foi isso que permitiu a Quichotte resolver — ao menos para sua satisfação pessoal — o

sido uma forma de evitar a história que se revelava a ele todos os dias no espelho, mesmo que só de rabo do olho.

Seu pensamento seguinte foi até mais alarmante: a fim de dar sentido à vida de um homem estranho cujos últimos dias se preparava para narrar, ele seria obrigado a se revelar juntamente com o personagem, uma vez que a história e quem a contava compartilhavam raça, lugar, geração e circunstância. Talvez aquela história bizarra fosse uma versão metamorfoseada dele mesmo. Caso soubesse da existência de Irmão (o que, naturalmente, era impossível), o próprio Quichotte poderia dizer que, na verdade, o narrador estava escrevendo a versão alterada de *sua* história, e não o contrário, argumentando que a vida “imaginária” dele correspondia ao relato mais autêntico da vida dos dois.

Portanto, em resumo: ambos eram norte-americanos de origem indiana, um real, o outro fictício; ambos nascidos havia muito tempo na cidade que então se chamava Bombaim, em blocos de apartamentos vizinhos e ambos reais. Seus pais teriam se conhecido (exceto que um par de pais era imaginário) e talvez jogassem tênis e badminton juntos no Willingdon Club e bebessem coquetéis ao pôr do sol no Bombay Gym (ambos locais verdadeiros). Eles tinham mais ou menos a mesma idade, na qual quase todo mundo já é órfão, e a geração deles, tendo feito uma cagada no planeta, estava de saída. Ambos padeciam de problemas físicos: Irmão com dores na coluna, Quichotte puxando pela perna. Com frequência crescente encontravam amigos (reais, fictícios) e conhecidos (fictícios, reais) nos obituários dos jornais. Os dias que ainda teriam pela frente não seriam mais amenos. E havia ecos mais profundos. Se Quichotte havia enlouquecido por seu desejo pelas figuras que estavam por trás da tela da televisão, então ele, Irmão, talvez tivesse sido afetado mentalmente pela proximidade com outra realidade velada, na qual

era usavam roupas de baixo malfeitas? SIS, ISI, OSS, CIA, essas eram suas siglas prediletas.

Foi assim que se tornou um escritor sob pseudônimo de histórias de espionagem. Não era amplamente conhecido, situação que provavelmente não mudaria com a publicação de seu livro sobre Quichotte, se é que algum dia conseguiria escrevê-lo e publicá-lo. Sam DuChamp, autor da série *Cinco Olhos*, jamais aclamado, jamais famoso, jamais rico: quando as pessoas pediam um livro dele na livraria, pronunciavam o pseudônimo de forma errada, chamando-o de Sam the Sham, tal como o sujeito que, na música “Wooly Bully”, vai para suas apresentações num rabeção da marca Packard. Era um pouco insultuoso.

Sim, o nome nos livros escondia sua identidade étnica, tal como *Freddie Mercury* escondia o cantor indiano da etnia parse chamado Farrokh Bulsara. Não porque o vocalista do Queen tivesse vergonha de sua raça, mas porque não desejava ser prejudgado, não queria ser posto num gueto étnico e musical cercado pelas grades preconceituosas dos brancos. Irmão tinha semelhante sentimento. E, afinal, estávamos na era dos nomes inventados. Era o que as redes sociais tinham consagrado. Agora, todo mundo era outra pessoa.

Os pseudônimos nunca foram incomuns no mundo dos livros. As mulheres com frequência os julgaram necessários. Irmão acreditava (sem ter a audácia de comparar seus poucos talentos com o gênio delas) que Curren, Ellis, Acton Bell, George Eliot e até mesmo J.K. Rowling (que preferia a neutralidade de gênero de *J.K. a Jo*) teriam entendido.

As pessoas de pele escura das etnias do sul da Ásia tinham uma história confusa nos Estados Unidos. No início do século XX, o alegado ancestral comum de Quichotte e do dr. R.K. Smile (não fictício), supostamente o primeiro de seu clã a viver e trabalhar no

questionado: não era alguém sem raízes, nem tinha sido arrancado pela raiz, fora transplantado. Ou, melhor ainda, tinha raízes múltiplas, como uma velha figueira-de-bengala lançando raízes aéreas que engrossavam e, passado algum tempo, tornavam-se indistinguíveis do tronco original. Raízes demais! Significava que suas histórias tinham uma copa mais ampla sob a qual podia se proteger do sol hostil e escaldante. Significava que podiam ser plantadas em muitos locais diferentes, em tipos diversos de solo. Isso era uma dádiva, ele dizia, embora sabendo que tal otimismo constituía uma mentira. Agora que havia atingido *os anos de nossa vida*, tal como prescritos pelo salmista, ele tentava *com vigor* vencer a barreira dos setenta a caminho dos oitenta, mas seu coração frequentemente se sentia tão pesado quanto o de Rute no poema de Keats, quando, saudosa da terra natal, ela se punha a chorar em meio ao milharal cujo dono pertencia a outra raça.

Ele estava chegando ao fim da linha, havia se mudado para a vizinhança do encapuzado com sua foice. Habitavam o mesmo distrito, quem sabe tinham o mesmo código postal. Não estava ainda com um pé na cova. Mas era bem sério saber que o caminho à frente era muito mais curto que o já trilhado. Antes de Quichotte seguir em seu Chevy Cruze ao lado do filho imaginário, Irmão quase chegou a crer que a capacidade de escrever o havia abandonado, ainda que a vida, por enquanto, continuasse. Lá estava aquela coisa, por mais medíocre que fosse, à qual ele havia devotado sua vida, o melhor de si, seu otimismo; porém, mesmo o mais rico veio de ouro um dia se exaure. Como ele era sua própria mina, como o material que estava trazendo à superfície se encontrava enterrado nas cavernas de seu ser, chegou uma hora em que só restou o vazio.

Então pare!, disse o anjo mau pousado em seu ombro esquerdo. *Ninguém se importa, só você.*

século XIX vindos da Caxemira. Quando lhe perguntavam, o que era comum, por que vendia essa combinação improvável de produtos, ela respondia de maneira singela: “Por que essas são as coisas que eu amo”.

A qualidade e a originalidade dos dois estabelecimentos, combinadas ao carisma inescapável de Papai e Mamãe, transformaram tanto a Irmão Zayvar quanto a Doces e Antiguidades em Lugares Aonde Todos Iam. Amitabh Bachchan comprou colares de esmeraldas para sua esposa, Jaya, na Zayvar; Mario Miranda e R.K. Laxman ofereceram a Mamãe originais de suas histórias em quadrinhos em troca de bolos de chocolate; e “Busybee” Behram Contractor, o cronista da vida cotidiana da elite de Bombaim, circulava pelas duas lojas observando a nata da sociedade local entrar e sair, atento às fofocas mais recentes.

A casa de Mamãe e Papai também vivia cheia de artistas e pessoas famosas. Todo tipo de gente criativa passou pela célebre sala de visitas do casal. As grandes cantoras Lata Mangeshkar e Asha Bhosle, que emprestavam sua voz para atrizes de cinema fingirem que cantavam, lá estiveram em pessoa (embora nunca ao mesmo tempo!). Ali também estiveram jogadores de críquete — Vinoo Mankad e Pankaj Roy, os heróis que em janeiro de 1956 bateram o recorde mundial com uma abertura de 413 corridas contra a Nova Zelândia em Madras! A casa foi visitada pelo poeta Nissim Ezekiel — o bardo de Bombaim, a cidade-ilha que ele considerava “incompatível com a música e também com o bom-senso”. Até mesmo a grande pintora Aurora Zogoiby lá esteve, junto com aquele palhaço sem talento que vivia agarrado nela, Vasco Miranda, mas essa é outra história. E, em se tratando de Bombaim, também a turma do cinema, é claro. Talento, talento por toda parte, lubrificado por uísque com soda e concupiscência. Havia discussões políticas, debates estéticos,

escrito. Irmã e Irmão, silenciosamente, e muito distantes um do outro, encenaram A Morte do Amor.

Dezessete anos atrás, a mãe deles morrera pacificamente enquanto dormia depois de ter pela última vez dirigido seu carro, visitado amigas e jantado fora. Voltou para casa ao fim daquele dia perfeito, deitou-se — bateu asas e voou. Irmã pegou o primeiro voo de volta para casa, mas, quando o avião aterrissou, Papai também tinha morrido, incapaz de viver sem Mamãe. Havia um vidrinho vazio de sonífero na mesinha de cabeceira junto à cama na qual ele fora aniquilado pela ausência insuportável da mulher. Irmã chamou Irmão em Nova York a fim de lhe contar a tragédia dupla. Depois disso, só houve uma conversa telefônica, aquela que matou qualquer afeto fraterno que ainda pudesse existir.

E então, nada. Uma nuvem vazia ocupou o espaço onde deveria estar a família. Irmão jamais conhecera a filha estilista de Irmã, Filha. Por outro lado, Irmã não tinha conhecido o filho desaparecido dele, Filho. Filho era seu único descendente, que também tinha brigado com ele, com ele e com a mãe — e simplesmente sumido no mundo. (E agora aqui estava Quichotte, sua invenção, inventando um filho para si próprio e trazendo-o à vida. Não havia muita dúvida sobre onde tal ideia se originara.) Havia horas em que Irmão pensava em si também como um filho único. Sem dúvida, Irmã com frequência sentia o mesmo. Mas filhos únicos não têm, nas sombras de sua alma, uma profunda ferida onde antes houve o beijo de uma irmã mais jovem, o abraço tranquilizador de um irmão mais velho. Filhos únicos não têm, na velhice, que ouvir sua voz interior fazendo perguntas acusatórias: *como você pode tratar sua irmã assim, sua própria irmã? Será que não quer fazer as pazes? Não vê que deveria fazê-lo?* Por isso, ele vinha pensando nela, em todos que havia perdido, mas em especial nela, sopesando a vantagem de descansar a

Quando por acaso se cruzavam num corredor, ela recuava como se estivesse diante de um perigoso invasor, e com frequência fugia correndo. Após seu suicídio (por overdose de comprimidos para dormir), Babajan disse com pesar, aos poucos amigos dela restantes, que seu equilíbrio mental tinha sido perturbado havia muito tempo, e que o fim era “inevitável”.

Sua filha, mãe da senhorita Salma R, a famosa e sensualíssima atriz chamada Anisa R, permaneceu próxima ao pai por algum tempo, mas, mesmo antes da morte da mãe, já haviam cortado relações. Não muito depois de parar de se comunicar com Babajan, ela seduziu o capitão da equipe nacional de críquete, fazendo com que ele abandonasse a melhor amiga dela, Nargis Kumari, também uma atriz cinematográfica icônica. O jogador de críquete era o jovem e garboso rajá de Bakwas Senior, popularmente conhecido como “o Raj”, príncipe de um diminuto estado no centro da Índia (que de forma nenhuma deve ser confundido com o ainda bem menor e obviamente menos importante estado de Bakwas Junior), cujo ancestral um dia cogitara contratar como secretário particular um homossexual inglês chamado Forster, que pensava escrever um romance sobre uma passagem para a Índia e procurava emprego. (Não foi contratado por ele. Outro principzinho menos relevante o fez.) Sim! De sangue azul! No entanto, a verdadeira aristocracia do Raj não era para ser vista na árvore genealógica, mas na elegância e no poder de suas excepcionais jogadas no campo de críquete. Ele se casou com a mãe da senhorita Salma R numa cerimônia que durou três dias no Taj Palace Hotel em Bombaim (evento audacioso de *avant-garde*, porque eram raros os casamentos entre hindus e muçulmanos, tanto naquela época como agora, mesmo entre membros da elite). Pouco depois, em um acidente descrito por sua ex-noiva rejeitada Nargis Kumari como a “vontade de Deus”, ele

Westfield Estate, como era conhecido o pequeno agrupamento de casas e prédios residenciais — aquela microscópica mancha urbana da qual se originou todo o universo! —, era a criação de um incorporador anglófilo chamado Suleman Oomer, também responsável pela construção dos imóveis semelhantes no Oomer Park, mais abaixo na rua. Ele tinha dado a diversos edifícios majestosos nomes ingleses: Windsor Villa, Glamis Villa, Sandringham Villa, Bal Moral, Devonshire House e até mesmo Véspera de Natal. Foi neste último, local onde o Natal era prometido eternamente para o dia seguinte sem nunca chegar, que a senhorita Salma R decidiu se estabelecer. E foi lá, três dias depois da morte da mãe, que também concordou em receber uma visitante inesperada, a amiga-que-virou-inimiga de sua mãe Nargis Kumari, cuja presença permitiu a Salma finalmente chorar pela falecida. A veterana atriz entrou no apartamento uivando de dor, e sua tristeza volúvel derrotou o rígido estoicismo da filha. “Como fui tola”, exclamou Nargis Kumari no melhor estilo trágico, “permitindo que um simples homem destruísse minha mais íntima amizade. O que é um homem comparado com o amor entre irmãos de alma? Uma sombra passageira. Um espirro à toa. Uma rápida chuvarada em um dia ensolarado. Eu deveria ter estado ao lado dela a cada minuto, fizesse sol ou chuva. Estou agora tão vazia quanto uma garrafa cujo vinho foi despejado até a última gota. Sou uma palavra do dicionário cujo significado foi apagado. Tão oca quanto uma árvore podre.” As lágrimas da senhorita Salma R começaram a fluir. “Vou fazer tudo por você”, Nargis Kumari prometeu. “Fique aí e chore. Cuidarei pessoalmente de todas as tarefas e providências.” Alguns dias depois, a senhorita Salma R ficou sabendo que Nargis Kumari tinha estado na casa de Juhu experimentando as roupas mais caras da mulher morta e levando várias delas, além das joias que combinavam com

Bombaim/Mumbai para Los Angeles, uma migração que a fazia ainda mais atraente aos olhos dos jovens. Ela mesma não era clara acerca de seus motivos. Começara o encontro com o norte-americano decidida a recusar suas manobras, mas no final havia aceitado a oferta. Talvez a interminável tensão entre muçulmanos e hindus na cidade tenha ativado um embate similar dentro de seu ser igualmente misto, tornando necessário que ela escapasse daquela velha contenda, mudasse a narrativa, não pertencesse mais àquela história. Talvez não fosse uma questão religiosa. Talvez seu espírito fosse mais aventureiro do que ela pressupunha. Talvez houvesse algo nela que queria se testar diante dos desafios de um mundo mais vasto. Talvez duvidasse de si própria e não fosse capaz de se imaginar como sendo alguém de valor caso não topasse a briga. Talvez fosse, lá no fundo, uma jogadora e aquilo representasse a roleta em pleno giro.

Havia um personagem e uma história que não estavam presentes em nenhuma das explicações. Tratava-se do homem que três gerações de mulheres haviam amado e depois rejeitado. Ele jamais contou a própria história. Nem ele nem a senhorita Salma R jamais enfrentaram a questão de por que ele havia sido expulso da mansão de Juhu tão logo Anisa morreu, nunca voltando a ter qualquer contato com a neta. Ele abandonou a carreira médica, fez uma peregrinação a Meca, retornou para terminar seus dias em silêncio, como um asceta numa casa bem mais humilde que a residência da estrela cinematográfica que ocupara durante a maior parte da vida.

De início, ela fazia a ponte aérea entre um Wood e outro, entre Bolly e Holly, mas, à medida que sua fama crescia no Ocidente, as viagens para o Oriente se tornaram menos frequentes, até cessarem

vezes por semana num canal de televisão aberta: um programa que seria todo dela, de modo que nunca mais trabalharia para ninguém. Foi também nesse momento que revelou sua absoluta independência e poder pessoal àqueles que se acreditavam responsáveis por seu sucesso, convencidos de que ela lhes devia tudo e por isso *eram seus donos*, homens que sabiam não ter a menor chance de trepar com ela e por isso buscavam possuí-la de outras formas, agentes, empresários, advogados, produtores, executivos dos estúdios, publicitários particulares, publicitários dos programas, publicitários dos canais em que a série era exibida, assim como os indivíduos de maior estatura cujos nomes nunca eram divulgados mas estavam na base de tudo, que, como o dragão Nidogue, roeram as raízes mais profundas da árvore do mundo — isto é, os ricos, os super-ricos e os ultraricos, donos das pessoas que eram donas dos canais que eram donos da série que tinha feito dela o que era hoje. Ignorando toda essa gente, ela lançou seu programa e, dentro de três anos, era a mulher mais influente dos Estados Unidos, com exceção, é claro, de Oprah, que não demorou a ungi-la sua única sucessora possível, com isso mantendo-a firmemente em segundo lugar.

Tudo sobre sua nova encarnação era exatamente como a senhorita Salma R havia determinado, exceto por uma coisa. Ela queria intitular o programa *Mudando a história norte-americana* ou, talvez de maneira mais concisa, *Mudando a América*. No entanto, o único norte-americano no qual confiava, aquele que tinha ido vê-la em Mumbai/Bombaim e a persuadido a mudar-se para o outro lado do mundo, a pular da beira do abismo rumo ao desconhecido, e que agora era o presidente da empresa, disse-lhe que esses eram títulos horríveis, metidos a besta e cheirando a elite liberal. Deviam ser esquecidos. Ela cedeu a ele nesse ponto, e o programa recebeu um nome mais simples: *Salma*.

queria saber como era vista pelos outros, mas esse aspecto do conhecimento adquirido a entristecia.

Algumas das cartas de amor ainda eram endereçadas à sua personagem no *Cinco Olhos*, Salma C. Essas eram as cartas cujos autores pareciam ter mergulhado mais fundo na fantasia, identificando-se como agentes secretos duplos ou triplos e candidatos ao mundo da espionagem, oferecendo como qualificação detalhes de seu patriotismo, de sua habilidade com armas e de sua capacidade de passar despercebidos numa multidão. Ela devia amá-los, diziam os caras (e mulheres) do *Cinco Olhos*, porque ninguém poderia entendê-la melhor. “Somos iguais”, esses amantes declaravam: “Sou exatamente como você”.

As mensagens que chegavam pelo Twitter usavam em sua maioria pseudônimos, coisa de pirralhos virgens de quinze anos e muitas espinhas no rosto ou marmanjos virgens de quarenta e cinco anos que viviam com os pais em Woop Woop, Arkansas, ou Podunk, Illinois. Todos se encontravam na fronteira do analfabetismo ou além. Os Estados Unidos não mais ensinavam seus amantes a respeitar a grafia das palavras. Nem a escrita cursiva, que estava se tornando obsoleta como as máquinas de escrever e os papéis-carbono. Esses amantes que escreviam usando letras maiúsculas não saberiam ler as cartas de amor das gerações passadas. Para eles, o cursivo era tão estranho quanto o grego ou uma língua marciana. Com relação a tais correspondentes, a senhorita Salma R, caracterizada por sua empatia, era culpada de sentir apenas uma pequena centelha de desprezo.

Muito, muito ocasionalmente chegava uma carta que não era como as outras, tal qual um personagem estranho em Vila Sésamo. Quando isso acontecia, a senhorita Salma R (talvez só por um instante) lhe concedia total atenção. Entre essas missivas estava a

as tradições das longínquas Jamaica e Trinidad, mas a mistura cultural então comemorada se alterou, e hoje parece, ao menos para algumas pessoas entristecidas, uma recordação dolorosa dos tempos anteriores à divisão do país em dois. E, sim, cumpre admitir, os dois outros países em nossa história também estavam bem divididos, imersos em contendas, e ainda mais violentos. Cidadãos negros eram sistematicamente assassinados por policiais brancos num desses outros países, ou presos no lobby de um hotel pelo crime de telefonarem para suas mães, enquanto crianças eram mortas a tiros nas escolas devido a uma emenda constitucional que tornou mais fácil matar crianças nas escolas; e, no outro país, um homem foi linchado por fanáticos adoradores de vacas pelo crime de possuir o que pensaram ser um bife em sua cozinha, enquanto uma menina de oito anos de família muçulmana foi estuprada e morta num templo hindu a fim de dar uma lição à população muçulmana. Por isso, talvez essa Inglaterra não fosse o pior dos lugares, apesar do aumento dos crimes cometidos com armas brancas, e talvez o bairro do oeste de Londres ainda fosse um bom local para morar, e talvez as coisas melhorassem com o passar do tempo.

Que o gentil leitor me permita uma digressão: pode-se argumentar que as histórias não deveriam espalhar-se dessa maneira, que deveriam se fixar num local ou outro a fim de ali lançar raízes e florescer num único solo. No entanto, muitas das histórias de hoje são e precisam ser desse tipo múltiplo e espalhado porque ocorreu uma espécie de fissão nuclear na vida e nas relações humanas: as famílias foram divididas, milhões dentre nós viajamos para os quatro cantos do globo (que de fato é esférico e, portanto, sem cantos) por necessidade ou por escolha. Tais famílias partidas podem ser nossas melhores lentes disponíveis para observar esse mundo partido. E, dentro das famílias divididas, há pessoas destruídas, destruídas pela

Me dá um saco de lixo e diz que é metade de uma fortuna. Você é uma vigarista. Uma vigarista tão gananciosa que nem se dá ao trabalho de fazer seu golpe parecer convincente. Talvez eu convoque uma conferência de imprensa e conte ao mundo como a eminente Irmã, a famosa guerreira das causas de direitos humanos, a defensora dos miseráveis, a porra da mulher que veste uma merda de uma armadura reluzente de cavaleiro errante para defender as comunidades de pretos e asiáticos na Inglaterra, a sacana da Lancelotta de pele marrom, a melhor amiga de hindus e paquistaneses, a indiana oriental que é cidadã honorária das Índias Ocidentais, a promotora de novas constituições na África, a heroína da liberdade de expressão, a oponente imparcial do fanatismo religioso e do racismo branco, a Boadiceia pós-colonial, é uma reles trapaceira que embolsou a herança da família. Me dê o resto da porra do meu dinheiro se não quiser ver seu nome na primeira página dos jornais.”

A raiva era o ponto fraco dela, como bem sabia. Ela a mantinha enterrada bem fundo, nas raízes do seu ser, porque, caso a deixasse solta, ficava verde, estourava os botões da blusa e se transformava no Incrível Hulk. Raramente ela deixava a raiva escapar. Dessa vez deixou. A raiva de Irmão era coisa de programa de calouros se comparada à dela. Ele tinha entrado num tiroteio munido de canivete. Quando ela começou a falar, quando os rugidos do Hulk lhe subiram à garganta, ele se calou. Ela não poupou fogo. A ameaça feita por ele era séria. Alguém que partilhava de seu sangue ir a público com uma acusação daquelas seria extraordinariamente prejudicial. A lama grudaria nela, seus inimigos políticos, que eram muitos dado o teor controverso das questões públicas nas quais combatia, apreciariam a chance de atacá-la. Estávamos numa era de julgamentos sumários pela opinião pública, em que uma acusação

Ela estava sentada à mesa com várias figuras de relevo dos palcos do West End, mas tinha a seu lado direito um gordo suboligarca ucraniano que, em voz demasiado alta, proclamou seu amor por Shakespeare (“Viu Innokenti Smoktunovsky no filme russo *Gamlet*? Não? Que decepção!”), mostrou não compreender a peça (“Mas não há doze noites nessa história! Que decepção!”), desaprovou o fato de homens vestirem roupas de mulher em uma série de comentários transfóbicos (“Homens em vez de mulheres! Que decepção!”) e arruinou totalmente a noite dela. No dia seguinte, ela telefonou para seu anfitrião, o diretor financeiro da companhia teatral, para lhe agradecer, de forma algo fria, pelo convite. “Não, eu é que tenho de agradecer a você”, ele disse. “Por que me agradecer?” “Porque hoje de manhã aquela pessoa decepcionante com quem você conversou durante toda a noite nos mandou um cheque de novecentas mil libras.” Ela era então mais jovem e as pessoas lhe diziam que era bonita, embora nunca se tivesse convencido disso. Seja como for, aquela tinha se tornado uma de suas historinhas prediletas, e lá estava ela a contá-la para os figurões que haviam se reunido para lhe oferecer um assento independente na House of Lords e, pouco depois, o cargo de porta-voz. Ela seria apenas a segunda mulher a ocupar essa posição. Era como se houvesse escalado o Everest sozinha e sem oxigênio. E, no momento mesmo em que chegava ao cume, percebeu que estava pensando em Irmão pois de repente lhe ocorreu que *A décima segunda noite* era sobre um irmão e uma irmã que viviam separados, cada qual achando que o outro estava morto. E, depois de muitos episódios intrincados, os dois acabam reunidos de forma alegre e amorosa. Ela sentiu um nó na garganta ao considerar como sua situação era diferente. Seu irmão babaca nunca pedira perdão por suas palavras insultuosas, nem chegara perto de se desculpar. Seu irmão perdedor, lutando para ganhar a vida com

Mais de quarenta anos antes, o Pintor Mais Velho de Semblante Triste, a principal figura de uma geração de artistas indianos muito influenciados pelo modernismo e pela abstração na Europa, tinha sido forçado a abandonar o país por fanáticos religiosos cujos rostos e olhos brilhavam com a euforia da intolerância. Saiu de casa e pegou um voo noturno para Londres — levando Irmã na bagagem. Só então Papai e Mamãe ficaram sabendo que, fazia tempo, o Pintor Mais Velho de Semblante Triste se apaixonara absurda mas perdidamente pela filha do casal quando a menina ainda era menor de idade, e que ela o havia estimulado apesar dos sessenta anos que os separavam. E assim fez porque o considerava um instrumento para escapar da gaiola de aspirações limitadas a que seus pais a condenavam, para se libertar do futuro de uma Jane Austen do Sul da Ásia no qual só lhe caberia caçar um marido e parir. Ele lhe pareceu ser o nobre guardião de um mundo mais vasto, de largos horizontes e céus ilimitados, no qual ela poderia permitir que sua personalidade se expandisse e suas asas se abrissem, quando então iria voar. Encontraram-se em segredo até ela atingir a maioridade, e Irmã continuou virgem até ele lhe contar que poderia ser obrigado a partir para o exterior a fim de se livrar dos loucos. Diante disso, ela tomou a iniciativa e disse que não queria ir para o outro lado do mundo com um homem mais velho se o sexo não fosse bom. Fez um teste com o Pintor Mais Velho de Semblante Triste e declarou que ele tinha passado, senão *cum laude*, ao menos com uma nota aceitável nas circunstâncias, decidindo que iria com ele e tudo o mais poderia ir para o inferno. Depois, houve um casamento secreto, um passaporte e o voo noturno que partiu o coração de seus pais. Na época, excitada com a grande aventura e movida pelo ressentimento juvenil, ela ficou satisfeita por ter dado o troco e ferido os pais, vendo aquilo como um castigo por não terem querido investir em seus sonhos.

Cinco: O primo de Quichotte, o “bom” dr. Smile, é um homem de muitos segredos

Na grande e próspera comunidade indiana de Atlanta (população: 472 522 habitantes), o dr. R.K. Smile era conhecido como “o Reizinho”. Alguns dos mais velhos se lembravam do personagem das tiras cômicas de Otto Soglow que tinha esse apelido, um monarca baixinho e esférico que usava um traje vermelho com gola de pele e uma coroa dourada pontiaguda, além de exibir um vistoso bigode preto em forma de guidom de bicicleta. Ele gostava de prazeres inocentes e mulheres bonitas. Retirada a coroa amarela, essa seria também uma boa descrição do bilionário dono dos Laboratórios Farmacêuticos Smile. Ele adorava praticar os jogos que aprendera ainda criança na Índia, era um craque no tabuleiro de carrom mantido em sua casa em estilo Colonial Revival na avenida Peachtree Battle, patrocinava uma equipe de críquete que pertencia à liga de Atlanta (“Jogamos críquete como amadores mas usamos equipamento de profissionais!”) e, vez por outra, organizava competições informais de *kabaddi* no Centennial Park. Tinha um casamento feliz com Happy, a especialista em preparar *biryani*, mas não conseguia deixar de flertar com todas as mulheres atraentes que passassem à sua frente, daí seu outro apelido, mencionado apenas

curiosas contradições do suposto nome de seu antecessor, o dr. R.K. Smile dava de ombros. “Recue algumas gerações em qualquer família de muçulmanos da Índia”, dizia, “e vai encontrar um convertido.” E nada de maiores esclarecimentos ou discussões.

Importante para ele era que Duleep Smile se tornou um chef célebre *avant la lettre*, amado sobretudo pelas mulheres, em especial depois de declarar publicamente que sua comida melhorava a aparência e a atratividade de quem a comesse, sugerindo mesmo que os vários tipos de curry tinham propriedades afrodisíacas. A opinião da esposa inglesa acerca de sua condição de mulherengo não foi registrada. No entanto, numa data não especificada, ela foi embora, o que pode servir como a mais clara manifestação de seus sentimentos. Na sequência, o chef Smile desposou e abandonou uma série de senhoras norte-americanas cada vez mais jovens. Ele também começou a se chamar de príncipe. Príncipe Duleep Smile, o quarto filho do emir do Baluquistão. (Ele não era.) Afirmava ter um diploma da Universidade de Cambridge (não tinha), e dizia ser amigo do rei Eduardo VII. (Incrivelmente, essa parte de sua fantasia tinha um quê de verdade: o rei concordou em ser seu protetor por algum tempo, pelo menos até descobrir que as outras alegações de Smile eram falsas.) Mas a época de ouro do chef — que durou poucos anos — estava terminando. Seus problemas legais estavam apenas começando.

Com seu pedido de cidadania recusado, ele voltou para a Inglaterra, e mais tarde retornou aos Estados Unidos acompanhado de uma comitiva misteriosamente numerosa. Uma lei tornava crime, com pena de multa de mil dólares, dar a qualquer um pretexto para imigrar mediante uma oferta de emprego. Duleep Smile fizera isso com vinte e seis pessoas. Alegou inocência. Sua grande comitiva era composta de meros turistas, ele disse: turistas e amigos. As

Muito bem, chegou a hora de revelar certos segredos guardados com muito cuidado pelo dr. R.K. Smile e pelos principais executivos dos Laboratórios Farmacêuticos Smile S.A. Tais segredos tinham a ver sobretudo com a vida oculta do mais importante produto da companhia, InSmile[®], o spray de fentanil sublingual que fez a fortuna da empresa, embora eles também estivessem envolvidos com a fabricação dos demais opioides manufaturados na maior fábrica da firma em Alpharetta, Geórgia (população: 63 038 habitantes). Não será uma bela história. Afinal, aqui estava um homem no topo da carreira, generoso, amplamente respeitado, um homem que até começava a ser amado. Nunca é agradável destruir uma figura de tal porte, exhibir seus pés de barro. Essas revelações maculam toda a comunidade e são vistas por muitos como o equivalente a lavar a roupa suja coletiva em público. Mas, quando uma fachada começa a ruir, é mera questão de tempo até que os lençóis sujos se tornem visíveis a todos. Na época em que o dr. R.K. Smile visitou seu parente Quichotte a fim de encerrar o relacionamento profissional entre eles, a empresa já tinha começado a atrair a curiosidade das autoridades, muito embora o dr. Smile tratasse com desdém tais suspeitas. Enquanto isso, a sra. Happy Smile havia entrado no círculo dos patronos de arte com grande dinamismo, e suas ofertas de doação tinham dado um início positivo às conversas sobre o uso do nome da família numa futura Ala Smile do High Museum e num segundo palco havia muito desejado para o Cobb Energy Performing Arts Center, que ganharia o nome de Anexo Smile; e, durante certo tempo, até pareceu possível que a cidade concordasse em dar novo nome ao Pemberton Place, o logradouro central onde estavam localizados o World of Coca-Cola e o Georgia Aquarium. “Me dê cinco anos”, ela disse ao marido, “e farei com que seu nome seja maior em Atlanta que o da Coca-Cola.” Entretanto, entretanto...

“partir para o *off-label*” poderia ser *virar traficante de drogas*. Ou até mesmo *virar narcomagnata*.

“Passei a vida cruzando fronteiras”, disse o dr. R.K. Smile ao abrir a primeira sessão do Coproco (Conselho de Progresso do Conhecimento dos Laboratórios Smile), realizada em Eureka, Montana (população: 1037 habitantes), uma reunião pequena realizada no histórico Community Hall, uma construção rústica de toras de madeira com apenas um andar. “Certa vez li num livro: se você voar acima da Terra e olhar para baixo, não verá nenhuma fronteira. Essa é a minha atitude. Sou um sujeito que não vê fronteiras e gosta de voar alto.” Esta era a filosofia secreta dos Laboratórios Farmacêuticos Smile. Todos ali amavam voar alto e desconheciam as fronteiras.

Depois da reunião em Eureka, o dr. Smile fixou um orçamento de três milhões de dólares para o projeto das palestras. Com o passar do tempo, o projeto foi ficando cada vez mais sofisticado em seus métodos. Os médicos eram identificados e registrados, os honorários eram pagos e então, quase sempre, os eventos infelizmente não podiam ser realizados devido a circunstâncias imprevisíveis; os termos dos contratos com os doutores, todavia, estabeleciam que as remunerações aos palestrantes não podiam ser devolvidas. Um orçamento de três milhões de dólares por ano, distribuídos em doses substanciais que iam de trinta e três mil a sessenta e sete mil por ano, por apresentações que de fato não precisavam ser feitas! Aquele orçamento oferecia oportunidades que atraíam um bom número de doutores. Aquele orçamento comprava — ou, para utilizar um termo mais cortês, contratava — alguns médicos de grande prestígio. E eram homens decididos, prontos a receber as somas substanciais em troca de receitar InSmile® *off-label* e recomendar a outros médicos que fizessem o mesmo, enfrentando quaisquer consequências.

expurgar sua melancolia. O pobre parente Ismail Smile sempre havia sido uma anomalia nos quadros de funcionários dos Laboratórios Smile, velho entre jovens, macilento entre voluptuosos, uma figura solitária, sempre fora de compasso, o avô maluco de todo mundo. E, no entanto, comportava-se com certa dignidade, mantinha-se imaculadamente bem-vestido e penteado, tinha boas maneiras, falava bem e possuía um vocabulário amplo de dar inveja, estava quase sempre alegre e era capaz de disparar a qualquer momento sua arma de beleza, que era o sorriso. O dr. R.K. Smile temia o pior agora que o dispensara. O velho Quichotte entraria em declínio e se tornaria uma espécie de vagabundo do *dharma*, circulando ao léu de lugar nenhum para lugar nenhum, sonhando seu sonho impossível de amor. E um dia desses o dr. R.K. Smile receberia o telefonema de algum motel no meio do nada e teria de pegar o G650ER para trazer de volta o corpo do velho para Atlanta, enterrando-o no condado de Cobb County ou em Lovejoy. Esse dia provavelmente não estava longe.

Em sua troca de palavras final com Quichotte, ele havia dado a entender que talvez viesse a lhe pedir que *executasse algum servicinho particular de cunho pessoal*, algumas *entregas discretas*, porém aquilo não era para valer. Tinha sido um meio de sair do quarto deixando Quichotte com um fiapo de respeito próprio e o sentimento de ainda ser necessário. A divisão de serviços privados ou VIP não existia oficialmente nos Laboratórios Farmacêuticos Smile, e sua existência não oficial só era conhecida de um grupo muito pequeno que não incluía nem mesmo a leal esposa do dr. R.K. Smile. O atendimento discreto dos desejos dos muito famosos constituía um segmento da economia norte-americana que era importante não ignorar, mas a palavra-chave ali era *discrição*. O dr. Smile era discreto, e estava pronto a visitar as casas das pessoas certas.

gente não jogou bola em nenhum parque ou sei lá onde pais e filhos fazem isso na vida real. Eu sei que estou aqui, de repente bum!, num minuto não estava e no outro estava. E o que é que eu tenho que sentir? Amor à primeira vista? Fala sério.

Isso é um problema.

Estou preso aos limites dele. Amarrado a ele. Acho que os outros caras não sentem o mesmo com relação aos *pais*. Que, quando me afasto da pessoa que me fez, quando a gente se distancia um pouco, eu me sinto, sei lá... Fora do alcance. Como se o sinal caísse, ou ameaçasse cair. Se tento sair andando pra longe dele, se me dá vontade de ter meu próprio espaço por algum tempo sem que ele esteja grudado no meu pescoço, se me afasto demais, eu começo... não sei explicar... começo a me partir em pedaços. Partes de mim se transformam em simples estática. Como uma imagem ruim de televisão. Tipo me tremendo. É assustador. Tenho de voltar pra onde ele estiver e ficar perto, senão, sei lá, talvez eu deixe de estar aqui de vez. Isso é uma coisa que eu não gosto de sentir. Estar preso a outro ser humano, como um objeto que é dele. Sei qual é a palavra certa para isso.

Escravidão.

Outra coisa: não quero parecer que tenho pena de mim mesmo, mas sou um cara sem mãe. Penso muito sobre amor materno, como isso seria, uma *mãe*, *mamãe*, passando a mão nos meus cabelos, usando o colo dela como um travesseiro.

Sei muitas coisas. Coisas de gente educada. Mas como posso saber tanto sendo o filho adolescente de um homem de setenta anos e tendo nascido dia desses? Acho que a resposta é que eu sei o que ele sabe. Se escuto o que há dentro de mim, eu encontro tudo que ele

Benson) se já não estivesse alucinado pela senhorita Salma R, a Oprah 2.0, especialmente desenvolvida para as novas gerações.

Com relação a Mariska, vejo aqui um portal que dá pro material obscuro. Nessa página do Pinterest da memória dele tem um comentário. A mãe dele morreu quando ele tinha três anos, que nem a Mariska quando a mãe dela, Jayne Mansfield, morreu. Mas não num horrível acidente de carro. Só um câncer. Eu posso dizer coisas assim, *só um câncer*, porque, sendo uma ficção como sou, parto do princípio de que sou imune às doenças. Por isso não estou nem aí para o câncer. Dou uma banana pra ele. Só que foi duro pra Mariska aos três anos e pra Jayne aos trinta e quatro. Na Highway 90, a oeste de Rigolets Bridge, e a futura Olivia estava na porra do carro. Isso é duro. Eu entendo. E pra ele também, que estava no quarto do hospital que nem a futura Olivia no banco de trás do carro. Ou não igual, mas parecido. Quando a mãe morreu, ele estava segurando a mão dela. Com três anos de idade e, no momento que ela faleceu, ele largou aquela mão e saiu do quarto gritando: *Não é ela!*

Estou vendo ele. É um menino numa colina em Bombaim. O que eu sei sobre essa cidade? Quase nada além do que ele vê. A morte da mãe, o pai — o pintor — chorando, ele próprio em estado de choque, em silêncio, os olhos secos. E depois perde também a casa, não tem mais Bombaim, o pai pintor não suporta mais viver ali, vai para o Ocidente, agora está em Paris. O menino tem saudades de casa. Está doente. Tem palpitações, arritmia. Não quer Paris. Quer a mãe. Quer... qual é a palavra? *Kulfi*. Comprado numa barraquinha perto de... Chowpatty. Quer brincar no Sapato Velho da Mulher no... como se chama o parque? Parque Kamala Nehru. Esses lugares se foram. Ele é o que agora? Francês? Num apartamento perto do Jardim de Luxemburgo ouvindo a ópera *Don Quichotte* na vitrola do pai? Ele não se sente francês. O pai não consegue lidar com a

menor e seguir para o Oeste. Ser uma pessoa sem importância, indo pra qualquer lugar, continuando como é, encarando o que a vida trouxer, talvez um mendigo, como um monge ou um *sannyasi*. Talvez até um ladrão. O que ele tem nos bolsos? Ladrão, ladrão. Bilbo Bolseiro... Nós odiamos aquilo pra sempre.

Naquele tempo tinha camisetas com as inscrições FRODO VIVE e MANDA BRASA GANDALF, e ele usava todas. Mesmo então queria uma missão. Tem gente que precisa impor um formato à falta de forma da vida. Pra essas pessoas, a narrativa de uma busca é sempre atraente. Isso evita a agonia de se sentirem... qual é a palavra? Incoerentes.

Este velho Chevy está passando pela reserva da Montanha Ute. Seguindo para o norte na estrada 491, Ya-ta-hey (população: 580 habitantes), Tohatchi (população: 1037 habitantes), Cânion dos Anciões. Como chegamos lá? Quem sabe? Não me pergunte, eu não estava prestando atenção. Estava mergulhando na minha cabeça, que também é a dele. O que ele me diz é o seguinte. Ele quer executar uma cerimônia de purificação pessoal antes de se lançar em sua tresloucada busca. Região indiana, ele fica dizendo, ainda que eu diga pra ele parar de fazer essa gracinha, porque não funciona. Ele quer se sentar de pernas cruzadas no coração do coração da área e invocar seus antecessores na busca. Não sei do que está falando. Sim, eu sei. Está pensando em Jasão no *Argo* seguindo para a Cólquida a fim de encontrar o Velocino de Ouro; e em Sir Galahad, o único dos cavaleiros da Távola Redonda com uma alma pura o suficiente para poder ver o Santo Graal. Sua cabeça está cheia dessas besteiras. A viagem dos Trinta Pássaros para se encontrar com Simurgh, a deusa alada. O progresso do peregrino cristão rumo à Cidade Celestial. E buscas por mulheres, é claro. Rama procurando pela sequestrada Sita, o encanador Super Mario galgando todos aqueles níveis para

um filho, então se saiu melhor que o marceneiro com seu boneco, e me criou a partir de uma chuva de meteoros, do próprio ar. E tem mais! Tal como o Pinóquio de nariz comprido, vou me transformar num rapaz vivo, de verdade. Nem preciso de uma fada azul, mas, se encontrar alguma, sem dúvida vou usar a fada. Vou usar tudo que estiver disponível, tudo que estiver à mão. Essa merda toda de que só ele pode me ver precisa acabar. Tenho grandes planos. Não vai demorar muito até eu... qual é a palavra? Me materializar. Visível pra todo mundo, se levar um beliscão fico roxo, se me enfiarem uma agulha vai sair sangue. Vou me libertar usando minha força de vontade. Aquele troço de sair do chão quando você mesmo puxa pelos cadarços dos sapatos. Vou levantar voo como se um helicóptero estivesse me puxando por um gancho. Não tem mais nenhum fio me prendendo.

Tem uma história na cabeça dele que eu adoro. A sombra de um homem se solta dele em algum lugar, talvez na África, e sai viajando pelo mundo. Sim, outro viajante, sim, outro filme sobre estradas. Quando a sombra volta, o homem está prestes a se casar com sua princesa, mas a sombra, que é exatamente igual a ele, sem tirar nem pôr — é a sombra dele, né! —, conheceu o mundo e se tornou supersofisticada e cosmopolita, agora parece ser um homem, e convence a princesa idiota de que ela, a sombra, é o homem de verdade, e que o homem de verdade é a sombra. O homem de verdade ficou louco, a sombra diz pra ela, e pensa que é um ser humano. A princesa e a sombra conseguem que o homem de verdade seja preso e executado, e assim a princesa se casa com a sombra. Não sei se a história é desse jeito mesmo, estou contando de cabeça. Mas que história! E assim, aqui estamos: eu sou a sombra negra e o velho está atrás da princesa dela. Talvez esse seja o meu

Vamos imaginá-los saindo do Cânion dos Anciões depois de Quichotte ter invocado de forma bastante satisfatória seus grandes antecessores em matéria de busca, e ter demonstrado, para enorme vergonha de Sancho, sua versão pessoal da Dança do Sol, uma série de movimentos em câmera lenta, aos arrancões, claudicante e trôpego, com os braços bem abertos e batendo os pés de maneira desajeitada, estranhamente inocente e infantil. Como se o Gordo e o Magro tivessem ido ao oeste profundo. Esse ato digno de um adorador de Terpsícore, como explicou Quichotte, também era uma espécie de busca, nesse caso pelo poder espiritual. “Então você conseguiu ganhar? O poder?”, Sancho perguntou quando a dança acabou, deixando Quichotte arfando e resfolegando, com o suor manchando a camisa. Mas ele se recusou a responder.

E agora estão no carro rumando para leste na estrada 160, saindo de Cortez (população: 8482 habitantes) na direção da Chimney Rock. Se quisermos, podemos imaginar um caminhão Penske indo na direção contrária, o motorista olhando para baixo e vendo no Chevy Cruze um sujeito com trajes formais, de terno, gravata e chapéu, o que é que um velho desses está fazendo vestido desse jeito e falando sozinho? Vai ver se perdeu e está falando no viva-voz para achar o caminho. Provavelmente o motorista do Penske nem perde muito tempo com o assunto, só passa a toda a velocidade e estamos conversados. Mas também pode ser que ele se espante um pouco: Por um minuto pensei que vi outra pessoa no carro, mas depois não, era só aquele senhor de roupa social dirigindo sozinho. Deve ter sido algum tipo de reflexo. Um truque da luz. Esquece.

“Primeira pergunta”, disse Sancho. “E eu sou a dama, não esquece. Eu não posso ver você, você não pode me ver. Tem uma